

**“REFORMA AGRÁRIA FEITA NA CAMA E NÃO NA TERRA”:  
REPARTIÇÃO NATURAL ENTRE OS DESCENDENTES - FAZENDA CAMPO  
ALEGRE / ALDEINHA <sup>1</sup>/ RONDONÓPOLIS – MT**

**Leida Maria de Souza Lima - DEGEO/UFMT/Rondonópolis.**  
Lmslima @ Hotmail.com

**Iraci Gomes de Vasconcelos Palheta - DEGEO/FFLCH/USP.**

1- INTRODUÇÃO:

Em pesquisa que vem sendo desenvolvida desde 1.995, nosso interesse concentra-se em áreas de ocupação consolidadas ou não, em áreas de fragmentação da propriedade/herança, onde todos têm o propósito final de possuir, explorar e transformar um espaço rural desabitado e improdutivo em área agricultável, onde possam se (re) criar como produtores camponeses.

Pensando em modificar a realidade agrária brasileira e mato-grossense, muitos goianos, mineiros, paulistas, nordestinos e sulistas acreditaram e apostaram nas terras do cerrado rondonopolitano vindo ocupá-las.

A ocupação humana desta região pode ser dividida em três períodos: a vinda de migrantes com o objetivo de povoar a região de Mato Grosso conhecida como "Terra de Rondon", na década de 20; acentuou-se na década de 30 até 45 com a chamada "Marcha para o Oeste", durante o governo de Getúlio Vargas; mas o que contribuiu definitivamente para a ocupação humana dessas terras foi a cultura da soja, na década de 70 e seguintes, pelos sulistas, passando assim, a ocorrer uma verdadeira modernização no campo rondonopolitano.

Suzuki (1996: 147-8), vem demonstrar que essa modernização do campo ocasionou não só problemas sociais, como também ambientais. Disse ele:

"Dessa forma, para compreender a repercussão da modernização do campo é necessário não olvidar um amplo espectro de transformações ambientais que a modernização ocasionou, tais como: o desmatamento, e conseqüente exposição do solo à ação mais intensa do sol e da chuva. Está ocorrendo uma erosão laminar de maior intensidade, devido a maior incidência das gotas de chuva no solo que provoca o soerguimento de uma quantidade de sedimentos maior que acabam sendo carreados para os veios hídricos através da lâmina d'água que se forma com a chuva, e conseqüentemente o assoreamento mais acelerado por conta do assoreamento que já vinha ocorrendo com a extração diamantífera em tributários do rio Vermelho".

Como vimos essa ocupação e modernização foi um tanto desordenada e causou uma transformação muito grande não só na anterior ocupação humana do espaço, como também no meio ambiente. O camponês viu-se excluído desse processo e das políticas que o próprio Estado brasileiro fomentou, ficando abandonado a sua própria sorte.

Na década de 50, o Estado de Mato Grosso incentivou a política de ocupação de suas terras e a expansão de suas fronteiras agrícolas. Mesmo com o incentivo, poucas foram as colonizadoras que

---

<sup>1</sup> A denominação Aldeinha chamou-nos a atenção e fomos informados pelo Jorge e sua avó Leonila, que em tempos idos, existia naquela região uma tribo indígena, daí a alcunha.

conseguiram se destacar, as inadimplentes tiveram que devolver as terras para o Estado, segundo obrigações contratuais. Em 1951 o Governo de Mato Grosso entregou títulos definitivos, concedeu protocolos a serem recebidos e assinados na capital.

Das enormes fazendas de gado, dos enormes latifúndios, muitos se fragmentaram, ou pela *repartição natural entre os descendentes*, ou por seus proprietários não poderem aprimorar seus rebanhos e aproveitar melhor seu espaço. Algumas das pessoas que receberam terras, por herança ou mesmo por doação, acabavam vendendo-as, não resistindo às ofertas tentadoras dos novos capitalistas que começavam a surgir em Rondonópolis.

Em seu trabalho *A Propósito do Boi*, Aline Figueiredo (1994: 144) fala a respeito da fragmentação dos latifúndios. Vejamos:

"Os latifúndios, incapazes de melhor utilizar os espaços, se fragmentam pelo valor e procura das terras. Esse processo de fragmentação, inclusive, já vinha se operando lentamente com o desaparecimento dos antigos proprietários e na repartição natural entre os descendentes<sup>2</sup>. Muitos desses descendentes, diante das primeiras ofertas tentadoras, encantados com o dinheiro e desiludidos com as asperezas da profissão, vendem as terras a novos capitalistas de São Paulo, ainda mais fortalecidos com a industrialização do estado. Prosperam aqueles que acreditam na terra e no boi".

Muitas das grandes fazendas daquela época foram transformadas mais tarde em pequenas propriedades, pois os pais dividiam-nas com os filhos, que mais tarde dividiam-nas também com os netos. É o caso da "Fazenda Campo Alegre", 1.411 hectares, que foi dividida entre os dez filhos do Sr. Ildfonso Bernadino de Oliveira e Leonila Pereira de Oliveira.

Quando perguntavam ao senhor Ildfonso o que entendia por reforma agrária, o mesmo respondia que a "reforma agrária é feita na cama e não na terra", pois como teve dez filhos teria que fazer a reforma agrária com eles.

Pensando assim, em 1.978, antes de falecer (1.990), o senhor Ildfonso e dona Leonila (hoje com 92 anos) resolveram realizar a reforma agrária de suas terras com a família, ou seja, a "repartição natural entre os descendentes", sendo que a maioria recebeu mais ou menos o equivalente a 135,24ha, alguns um pouco mais. Dois de seus filhos já estão redividindo as terras com os netos. É o caso de Rita Sítio três Marias e Pedro - Fazenda Oriente. Infelizmente, duas herdeiras venderam (por questões pessoais), a parte que lhes coube na doação para terceiros. Na época em que resolveu fazer a doação, os filhos que já tinham construído suas casas, permaneceram no local onde haviam se instalado antes.

Os camponeses da Fazenda Campo Alegre, não se submeteram a nenhum tipo de seleção, não fizeram parte de nenhum movimento social, não são posseiros, nem sem-terra e muito menos grileiros. São, pois, herdeiros que cultivam o sonho de possuir e, principalmente de conservar a terra que fora de seus pais, local onde nasceram, cresceram, casaram-se e constituíram suas famílias, seus territórios e que atualmente já estão dividindo também com os filhos para que os mesmos trilhem o caminho por eles já percorrido.

A pesquisa objetiva avaliar o processo de repartição, ou seja, como se deu a divisão entre os herdeiros da Fazenda Campo Alegre, resgatando sua história, forma de organização e produção no

tempo e espaço, enfatizando seus traços marcantes, detalhando sua dinâmica produtiva e a qualidade de vida das famílias, salientando as semelhanças e diferenças entre seus modos de vida, caso haja.

Metodologicamente, amparamo-nos em fatos concretos que fundamentam nossos objetivos e, embasam as investigações que estão sendo realizadas através da observação direta intensiva. Para Andrade (1995:26), "... na vida real - os fatos são observados 'em campo', no ambiente natural onde ocorrem".

Definimos como sujeito da pesquisa os herdeiros da fazenda Campo Alegre, onde foram feitas várias visitas, bem como aplicação dos questionários, entrevistas, participação em eventos, confraternizações e registros iconográficos.

## 2- FAZENDA CAMPO ALEGRE: EXPERIÊNCIAS E LEMBRANÇAS

Em 1.934, dona Leonila Pereira de Oliveira casou-se com o goiano Ildefonso Bernardino Oliveira, desta união nasceram dez filhos.

O pai de dona Leonila, senhor Antonio Pereira Santos - Antonio Noca era proprietário da Fazenda Belém. Ao casar-se dona Leonila recebeu de seu pai, um lote de 305 ha de terra, mais 700 ha que o senhor Ildefonso havia comprado de seu sogro e, 406 ha na região da Aldeinha que requereu do governo em 1950, com aprovação e visto do Departamento de Terras de Mato Grosso em 1.953<sup>3</sup>, a família ficou com uma propriedade de 1.411 ha, que após desmembrar-se da Fazenda Belém passou a chamar-se Fazenda Campo Alegre. Gostaríamos de ressaltar que partes dessas terras estão nas mãos dessa família há 71 anos.

Duas paisagens chamavam a atenção dos visitantes e moradores da propriedade, destacando-se por sua beleza natural: era o Morro da Cotia (Sítio Três Marias) e a cachoeira no Córrego Mamona (Sítios Três Marias e Mamona).

Como não existir escola na região, seu Ildefonso contratava professor particular para ensinar seus filhos. Algumas crianças da vizinhança acabavam estudando também. Geralmente o professor morava na própria fazenda. De acordo com Elizete, estudavam o dia todo, acabava o livro correspondente à 1ª Série, já passava para o da 2ª Série e assim por diante. Não existia boletim, o que indicava se a criança estava ou não apta para a série seguinte (sem mesmo terminar o ano letivo), era saber ler, bem como as quatro operações.

Em 1954 compraram uma casa na cidade para que os filhos pudessem estudar, de verdade. Neste período, Eliete com 15 anos já havia se casado. Os demais vieram com dona Leonila morar na cidade. Como não possuíam carro, vinham e iam da fazenda para a cidade ou vice-versa, a cavalo ou de carro de boi.

Após concluir a 4ª Série acabavam voltando. Os anos foram passando e os mesmos se transformando em homens e mulheres, foram se casando e construindo suas casas na própria fazenda, cada qual em uma área diferente.

---

<sup>2</sup> Grifo nosso.

<sup>3</sup> Período em que Rondonópolis ainda era Distrito de Poxoréo.

O Maurino disse-nos o seguinte: "A Eliete, o compadre Daniel, o Pedro e o Silvio já haviam construído suas casas antes da doação. Pra mim, a Rita, a Elizete, a Anunciação e o Teodoro, o pai estipulou o local. Para o Gumerindo que sempre morou com o pai, ficou a sede, ele achava que era o correto".

A divisão da propriedade foi feita em 1978 e no ano de 1980, por problemas de saúde (coração) seu Ildefonso e dona Leonila mudam de vez para a cidade, não só para facilitar o tratamento, mas também porque o mesmo não podia mais trabalhar. De acordo com Elizete, se dependesse dele continuava fazendo cercas de arame e outras atividades mais existentes na fazenda.

Em conversa com dona Leonila e seus dez filhos, todos foram unânimes em dizer que acharam ótima a idéia do senhor Ildefonso em dividir as terras antes de falecer, até porque esta já era uma prática utilizada pelo pai de dona Leonila.

Durante nossas visitas às propriedades, dos herdeiros, às vezes dona Leonila e sua filha Elizete iam conosco. A mesma sentia-se muito feliz por poder visitar seus filhos e matar a saudade dos tempos idos. Falava a respeito do quanto já havia andado a pé por toda a região. Mostrava com entusiasmo as propriedades ao longe e dizia com orgulho que boa parte daquelas terras havia sido de seu pai.

Elizete e Rita relembavam as travessuras que faziam no tempo de criança e durante a mocidade. Das muitas vezes que andavam pelo meio dos pastos indo levar comida ao pai e irmãos que estavam trabalhando na roça. Das quantas vezes que subiram no Morro da Cotia, de uma vez em que o senhor Alípio Xavier - pedreiro que construiu a casa de alvenaria/sede da fazenda subiu até lá com uma cruz grande e pesada nas costas, numa Sexta-Feira da Paixão para enterrá-la em cima do morro por conta de uma promessa feita por ele; inclusive que este mesmo senhor desenhou com carvão em uma das paredes da sala, um anjo muito lindo, todos que os visitavam ficavam admirados com tamanha beleza; dos banhos na cachoeira do Córrego Mamona, das festanças que eram realizadas por ali.

Dona Leonila, Eliete, Elizete e Rita teceram alguns comentários em relação a acontecimentos e fatos ocorridos em épocas remotas, as quais lhes trazem lembranças nostálgicas, como por exemplo, as festas de traição.<sup>4</sup> Disse a Eliete: "Na época de meu pai fazíamos muita traição para ajudar na colheita".

Dona Leonila lembrou um trecho da música que cantavam no final da festa:

"Cabou o mutirão, cabou o mutirão, o mutirão acabou. Só no outro ano se Deus quiser'. Os homens vinham com os instrumentos, às ferramentas batendo umas nas outras. Tinha também a dança do catira e o recortado, que eram os versos que falavam no final do catira. Só que hoje eu já tô muito velha e a cabeça não ajuda mais, por isso não lembro direito. Seria bom se pudesse juntar todos os filhos, porque aí cada um lembraria uma coisa e o livro ia ficar muito bom. Se bem que eu acho que você sebe escrever muito bem".

A Rita lembrou-se que:

"No fim do dia, se o serviço ainda não tinha sido terminado, amarrava o dono da casa, o que significava que tinha que fazer novamente a traição para acabar o serviço. Como

---

<sup>4</sup> Muxirão e ou mutirão realizado pelos roceiros da vizinhança de um sitiante necessitado de auxílio. BUENO, Francisco da Silva. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. 1986.

meu pai era goiano, herdou tudo isso de seus parentes, pois os goianos é que gosta desse tipo de festa".

Juntas, lembramos que assistimos no Globo Rural de domingo, uma "festa de treição" realizada por parentes e amigos de um fazendeiro em Goiás. O repórter diferenciou a "treição" do mutirão. Na 1ª os participantes levam os alimentos e instrumentos de trabalho, pois o dono da propriedade é pego de surpresa. Enquanto as mulheres vão para a cozinha preparar o café, o almoço e a merenda, os homens vão realizar as atividades no campo. No mutirão, o dono da propriedade é que faz o convite, prepara os comes e bebes, bem como determina quais atividades devem ser realizadas. Para ambas existem as músicas adequadas, quem sabe são os recortados de que falou dona Leonila.

Tavares dos Santos, em seu trabalho *Colonos do Vinho* (1978: 25), apresentou um conjunto de nove elementos estruturais da produção camponesa, que foi comentado por Oliveira (1991: 56), todos pertinentes também à realidade agrária mato-grossense e rondonopolitana, mas mencionaremos aqui neste item a questão da *ajuda mutua* entre os camponeses. Vejamos.

"Quando a família camponesa não consegue completar totalmente a sua necessidade de trabalho, ela pode ser completada pela *ajuda mutua* entre os camponeses. Essa prática aparece no seio da produção camponesa sob várias formas; a mais comum é o *mutirão*, mas pode aparecer também como troca de dias de trabalho entre os camponeses. A ajuda mútua é a solução encontrada pelos camponeses para completar o trabalho que a família não conseguiu realizar pois, em geral, seus rendimentos monetários não permitem pagar trabalhadores continuamente".

O senhor Ildefonso "unia o útil ao agradável", pois, ao mesmo tempo que realizava as tarefas que a família não pode concluir em tempo hábil, aproveitavam para fazer uma festa e reunir os parentes e amigos, tentando com isso, não perder de vista uma prática bastante comum entre seus familiares no Estado de Goiás.

### 3- REPARTIÇÃO NATURAL ENTRE OS DESCENDENTES: REFORMA AGRÁRIA FEITA NA CAMA

Destacaremos a seguir, cada uma das propriedades de acordo com a numeração dos Lotes na Planta de Doação, sendo que o senhor Daniel, o Teodoro e a Eliete receberam os lotes de número 01, 02 e 03 respectivamente desmembrados das terras da Aldeinha. O Gumercindo, a Anunciação, o Pedro, o Maurino, a Elizete e a Rita receberam terras desmembradas da Fazenda Campo Alegre, sendo os lotes de número: 01, 02, 03, 04, 05 e 07 respectivamente e o Silvio recebeu o lote de número 06 desmembrado da Fazenda Campo Alegre e Fazenda Belém, conforme consta nas Plantas dos Lotes de Doação.

O Lote N°. 1 Desmembrado do Lote Aldeinha com 108,62 ha e mais 48,40 ha desmembrado da Fazenda de Sebastião Nunes Ferreira, perfazendo um total de 157,02 ha, que após doação passou a chamar-se Fazenda Aldeinha, foi doado em 1978 a **Daniel Bernardino de Oliveira**, casado com Essiene Pereira Oliveira desde 1967. Pedimos a Daniel e Essiene que fizessem um comentário a respeito da Fazenda Aldeinha e os mesmos nos disse que:

"Mudamos para cá em 1967 quando nos casamos. A casa era um barraco próximo ao

córrego, era aconchegante e até hoje eu tenho muita saudade. Em 69, construímos essa casa aqui, (mostrou ela) no início era só de pau a pique depois fomos colocando adobe. Passado uns tempos, construímos esta casa e passamos para cá. Temos água encanada que vem da mina pela força da gravidade, além do córrego Aldeinha. Luz elétrica, televisão, telefone celular com antena, um trator que acaba sendo nosso meio de locomoção por aqui. Criamos porcos e galinhas para o nosso consumo, assim como as frutas e as hortaliças. O gado é pouco, o leite que tiramos mais ou menos 50 litros diários é vendido para o Laticínio Nutribom. Também plantamos mandioca, cana-de-açúcar, não se esquecendo da rocinha de milho, pois eu sou louca por pamonha, mas o forte é o leite. Vivemos com a renda da fazenda. Já recebi ajuda do PRONAF para formar pasto, comprei triturador e construí essa casa. Temos uma casa na cidade, Vila Operária, é alugada".

O **Teodoro Pereira de Oliveira**, casado com dona Marlene Bambil de Oliveira desde 1971, recebeu de doação um sítio desmembrado do Lote Aldeinha, cuja área era correspondente a 140,08 ha. Neste mesmo período, comprou de seus irmãos Gomercindo, Pedro, Maurino, Elizete, Silvio e Rita, uma área equivalente a 29,04 ha, sendo 4,84 ha de cada um. O sítio tem hoje 169,12 ha, que recebeu o nome de Sítio Santa Adriana. A paisagem do sítio vista de frente, é maravilhosa.

Em relação ao sítio, Teodoro nos informou que:

"Temos água encanada da mina. O córrego Aldeinha nasce na serra aqui no fundo, (mostrou ele), onde está a Antena da Embratel. O sítio está na cabeceira do rio. A luz elétrica foi feita por conta própria. Como meio de transporte tenho uma camionete, e um trator para trabalhar na propriedade. Recrio e engordo gado, ou seja, compro para engordar. O leite é só para o uso, assim como os porcos e galinhas. A agricultura é de subsistência. Temos algumas frutas no quintal, como coco, jabuticabeira, acerola, ingá de metro, jaca, etc. Quando precisamos de médico, vamos até Rondonópolis. Temos um celular com antena, televisão colorida. Em relação ao lazer, sou muito caseiro, quase não saio".

Dona **Eliete Bernardino dos Santos** casou-se aos 15 anos com o senhor Francisco Lopes dos Santos em 1.950 e com o consentimento de seus pais, construíram uma casa na fazenda ao longo da Rodovia MT 460. Em 1978, quando foi feita a doação ficaram com a mesma. Sendo assim, recebeu o Lote 3 desmembrado do Lote Aldeinha com área de 127,98 ha que após desmembramento passou a chamar-se Sítio São Francisco.

Pedimos para que fizesse um comentário a respeito das atividades desenvolvidas no sítio e a mesma teceu o seguinte comentário:

"Praticamos agricultura de subsistência. Criamos porcos e aves, têm uma horta com alguns tipos de verduras, uns pés de frutas no quintal. Enquanto era mata a gente tocava lavoura de arroz e milho. Naquela época passava um caminhão para recolher os mantimentos, que eram vendidos pelo meu marido lá na cidade. A gente pagava o frete para eles levarem as sacas de produtos. Já tinha os compradores nos armazéns. O leite que a gente tira é vendido para o Laticínio Nutribom. Tiramos poucos litros diários, agora na época da seca diminuiu mais ainda. Esse resfriador de leite aí, (mostrou ela), é do Laticínio, cabe 1.000 litros de leite que é pego pelo caminhão dia sim dia não. Nele vai o nosso leite e de quatro vizinhos. A luz elétrica, foi por intermédio da Cooperativa CERGO - Cooperativa de Eletrificação Rural da Região da Grande Rondonópolis Ltda. A água, é encanada e vem direto da mina, através da força da gravidade. Por incrível que pareça, em todos esses anos que moramos aqui, é a primeira vez que ficamos sem água. Meu neto está buscando água de carro, lá no sítio do Teodoro a uns dois Km. O gado bebe água na represa. Estou bastante preocupada. Temos um carro, uma televisão colorida e um rádio, um telefone celular com antena. Por intermédio do

PRONAF, consegui um empréstimo em 2002 para comprar gado. Foram quatro vacas leiteiras. Paguei a 1ª parcela, restam três. Como a renda é pouca e o gado é barato, tive que vender duas vacas das mais velhas para pagar a dívida. O projeto para a compra foi feito pela EMPAER".

**Gumercindo Fabiano de Oliveira**, casado com Ormindia Prata Sales Oliveira desde 1.981 recebeu de doação em 1.978, o Lote 1, desmembrado da Fazenda Campo Alegre, cuja extensão era de 135,24 ha, denominada Fazenda Campo Alegre.

Em janeiro de 1.987, nove anos após receber a doação Gumercindo vendeu 67,76 ha, ficando assim com uma propriedade de 62,64 ha, nesta venda, o local onde existia a sede, onde todos nasceram e cresceram ficou para o novo proprietário.

Pedimos a Gumercindo para que fizesse um comentário sobre a Fazenda, sobre o que produz e qual o destino da produção, disse ele:

"Temos água encanada que vem da mina por força da gravidade, é uma gruta. Tem luz elétrica, onde eu fiz particular o rebaixamento, agora a CEMAT requereu a rede pra ela. Temos um celular com antena, uma televisão colorida, um carro e se precisar de médico vamos até a cidade. Tudo o que produzimos aqui é para o consumo. Temos umas vacas de leite e umas galinhas, uma horta no fundo do quintal, um pomar com várias frutas. Compro sal mineral e ração para o gado na época da seca. Aliás, na cidade a gente compra tudo o que não produz aqui".

O Lote de número 2 desmembrado da Fazenda Campo Alegre - Sítio Santa Rosa foi doado à **Maria Anunciação de Oliveira**, casada com senhor Joaquim Assunção dos Santos desde 1980. Vendeu a propriedade assim que recebeu de doação, antes de se casar e mudar para Cuiabá.

O lote de número 3, desmembrado da Fazenda Campo Alegre, que após doação passou a chamar-se Fazenda Oriente, possuía uma área equivalente a 135,24 ha foi doado ao **Pedro Pereira Oliveira**, casado com Hortencia Santos Oliveira desde 1973. São 28 anos morando na propriedade. Hoje, possuem 114,67 ha, que já foi doado aos seus filhos, ficando assim a divisão: Ildefonso - Estância Novo Horizonte; Sandra - Estância São Simão; Márcia - Estância Rondon e Keila - Estância Alvorada, cada um recebeu o equivalente a 28,6675 ha. De acordo com o Pedro, cada filho já fez a cerca de arame dividindo a propriedade, todos tem energia elétrica. A Márcia ficou com a sede e já comprou algumas cabeças de gado.

Pedimos que fizesse um comentário a respeito da fazenda ele nos falou que:

"Temos água encanada que vem com a força da gravidade, direto da mina, além da Grota Vermelha, do Córrego Invernadinha e do Rio Arareau. A luz elétrica fizemos o rebaixamento, agora a rede é da Cemat. Temos televisão colorida, um celular com antena, um carro para as necessidades. Quando precisamos de médico, vamos até o PS do Bananal, o médico vem duas vezes por mês. Em se tratando de lazer, a gente se diverte nadando no Rio Arareau e participamos das festividades no salão social. No ano de 1997, recebemos uma ajuda do PRONAF para a plantação de mandioca. Fabricávamos farinha, polvilho e vendia uma boa parte na cidade. Com a renda da mandioca, pagamos o financiamento e ainda compramos um triturador. Fora isso, tudo é por conta própria. Temos gado de corte e leiteiro, onde tiramos mais ou menos uns 50 litros diários, que é vendido para o Laticínio Nutribom. As galinhas, as frutas e hortaliças do quintal são para o consumo da família. Nossa renda é só daqui"

O **Maurino Pereira de Oliveira** casado com Maria do Carmo Garcia Oliveira desde 1984, recebeu como doação o Lote 4, desmembrado da Fazenda Campo Alegre, naquela época, com área total equivalente a 135,24 ha, que posteriormente passou a chamar-se Sítio Pitangueira. Na atualidade, a propriedade possui uma área igual a 126,51 ha, sendo 25,30 ha a área de reserva; a área explorada que é de 101,20 ha e a área para limpeza de pasto que equivale a 30,00 ha.

Em relação ao sítio, o Maurino nos informou o seguinte:

"Em 1978 quando eu recebi o lote como doação, não existia casa. Em 1984, casei e fui morar na cidade. Em 1990, construí a casa e em 1993 mudei-me para cá. Em 2003, vendi o carro, 30 vacas e 20 bois de 2 anos e meio para fazer benfeitorias no Sítio, como formação de pastagens. O curral eu já tinha. Temos água encanada para o uso diário que vem da mina, através da força da gravidade. Tem a Grota Vermelha, o Córrego Mamona e o Rio Arareau. Temos luz elétrica, comprei o transformador e mandei fazer o rebaixamento. O ano passado, doamos para a CEMAT, que agora dá assistência de graça. Temos televisão colorida, telefone celular com antena. Nossa renda é basicamente só do leite. Possuo algumas cabeças de gado de corte e principalmente vaca leiteira, cujo leite é vendido ao Laticínio Nutribom, no período das águas conseguimos tirar até 80 litros diários. Possuímos hortaliças, vários pés de frutas e galinhas para o consumo. Através do PRONAF comprei quatro vacas. Já fiz o pagamento da primeira. Graças a Deus não tive problemas, pois tinha a renda do pasto que eu alugava".

O lote de número 5, desmembrado da Fazenda Campo Alegre foi doado a **Elizete Pereira de Oliveira** em 1978, quando então recebeu uma área equivalente a 135,24ha. Pedimos a Elizete que fizesse um comentário a respeito dessa repartição, o porquê da venda do lote, bem como algumas coisas que lhe trazia recordações do período em que viveu no campo. Disse-nos o seguinte:

"Eu nunca morei no Sítio Campo Verde. Assim que recebemos a doação, vendi 40 alqueires e posteriormente vendi os outros 16 alqueires que restavam e comprei duas casas em Rondonópolis, uma delas eu alugo, a outra é esta aqui onde nós moramos. Dei aulas na Escola Rural Mista de Aldeinha para umas 80 crianças, da 1 a a 4a Série que se dividiam em dois períodos. Durante o período da colheita, boa parte dos alunos parava de estudar para ajudar os pais no trabalho na roça. Realizávamos muitas festas com a criançada. Tem uma prima minha que foi minha aluna durante os quatro anos, hoje ela é diretora em uma escola lá em Rondônia, e me disse que faz as festas do mesmo jeito em que aprendeu comigo e que a criançada e os pais gostam muito. Isso para mim é motivo de orgulho".

**Silvio Sanção de Oliveira**, casado com Olga Sales de Oliveira desde 1970, receberam como doação em 1978, uma propriedade desmembrada do Lote Belém em conjunto na Fazenda Campo Alegre, que após doação, passou a chamar-se Sítio Mamona, com uma área equivalente a 135,24 ha.

Em relação à produção agrícola e à infra-estrutura do sítio, disse-nos que:

"Nossa renda é do leite vendido para o Laticínio. Criamos porcos e galinhas para o consumo. Temos mandioca, milho, alguns pés de frutas. A agricultura é de subsistência. Trabalhamos em família e por conta própria. Temos luz elétrica, água encanada que vem da mina. Temos uma televisão colorida, um telefone celular com antena. Temos um time de futebol, o Vasquinho do Brocodoro, que inclusive meu filho joga e muito bem, faz gol adoidado. Outra diversão é a cachoeira no córrego Mamona. Aqui é um paraíso, só vou à cidade pra votar".

**Rita de Oliveira Siqueira**, casada com senhor Benigno Nunes Siqueira desde 1959, recebeu como doação o Lote 7 de 135,24 ha, desmembrado da Fazenda Campo Alegre na região da Aldeinha, que passou a chamar-se "Sítio Três Marias". Rita e Benigno tiveram seis filhos, o único que mora na propriedade é o Jorge.

Durante nosso trabalho de mestrado, Jorge comentou conosco que foram beneficiados com dois projetos: o PRONAF que é um programa Nacional e o Programa Lavouras Comunitárias - Estadual. Disse ele:

"Do PRONAF, recebemos um custeio para plantio de subsistência, investimento (reformas, construção de curral, barracão, irrigação e cercas). Já do Programa Lavouras Comunitárias recebemos muda, adubos, inseticidas, fungicidas e o preparo do solo. Tanto o Programa Lavouras Comunitárias como o PRONAF só foram possíveis graças à existência de grupos de pequenos produtores organizados em Associações. Apesar de que os projetos foram individuais." (Lima, 2000: 73)

Hoje, as coisas mudaram. Nenhum desses projetos está mais em desenvolvimento. Acreditamos em parte, que tenha sido por conta do falecimento do senhor Benigno, mas o Jorge também nos disse que faltou apoio da prefeitura. Este ano comentou conosco o seguinte:

"O que produzimos atualmente é para subsistência. A renda maior é do leite. A produção é pouca neste período do ano, chegando a uns 30 litros diários. Vendemos ovos caipiras na cidade. Contamos também com nosso salário de professor. Após o falecimento de meu pai, minha mãe mudou-se para Cuiabá/MT. Achamos melhor dividir o sítio. Minha mãe entrou como herdeira. Ela e mais quatro irmãos meus irão receber cada qual um lote de 14,4 ha. Eu e a Sandra receberemos cada qual um lote de 19,2 ha".

Jorge cuida dos afazeres do Sítio, contando com a ajuda do tio/sogro, que é seu vizinho mais próximo. Orgulha-se de ser homem do campo.

Com esta exposição, procuramos mostrar que esta é uma das formas em que o camponês está podendo se (re) criar no campo brasileiro, mesmo com o avanço e o desenvolvimento do capitalismo, com o progresso e modernização da agricultura, consegue viver e se reproduzir com dignidade, acabando assim com o mito de que é uma classe fadada ao desaparecimento.

#### **Referências Bibliográficas:**

- ANDRADE, Maria M. de. Introdução à Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Atlas, 1995.
- FIGUEIREDO, Aline. A Propósito do Boi. Cuiabá-MT: EDUFMT, 1994.
- LIMA, Leida M. de S. A Produção Camponesa e a Modernização da Agricultura em Rondonópolis-MT - Estudo em Áreas de Assentamento de Reforma Agrária: Gleba Cascata e Projeto de Assentamento Chico Mendes/Vale do Bacuri. São Paulo: USP, 2000. Dissertação de Mestrado.
- MOURA, Margarida Maria. Camponeses. São Paulo: Ática, 1986, n. 52.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. Agricultura Camponesa no Brasil. São Paulo: Contexto, 1991.
- PALHETA, Iraci G. de V. O Novo Brasil Agrário Moderno e... do Atraso. In: Boletim Paulista de Geografia. N° 77, São Paulo-SP, abril de 2001.

SUZUKI, Júlio C. De Povoado a Cidade. A Transição do Rural ao Urbano em Rondonópolis. São Paulo, USP/FFLCH, 1996. Dissertação de Mestrado.

TAVARES DOS SANTOS. J. V. Colonos do Vinho. São Paulo: Hucitc, 1978.